

A POEIRA VERMELHA DE MARIANA: ANÚNCIO DO MAR DE LAMA

MARIANA'S RED DUST: THE MUD SEA ANNOUNCEMENT

Júlia Fonseca de Castro¹

RESUMO

Crônica sobre experiência de ensino em curso técnico de turismo na cidade de Mariana, Minas Gerais, um ano antes da ruptura da Barragem da Mineradora Samarco (2015), que deixou um rastro de destruição nos distritos de Bento Rodrigues e Camargos. O texto é uma forma de reunir memórias e, de alguma forma, destacar os interesses políticos e da atividade da mineração sob o mote dos projetos turísticos criados para não serem efetivados e movimentarem esperanças em comunidades locais, em regiões em que atuam as grandes mineradoras (como a Vale S.A.).

Palavras-chaves: Crime ambiental; Educação para o Turismo Comunitário; Mineração e Comunidades.

ABSTRACT

This is a chronicle about a teaching experience at a technical tourism course in Mariana, Minas Gerais, one year before the Mineradora Samarco Dam rupture (2015), which left a trail of destruction in the districts of Bento Rodrigues and Camargos. The text is a way of gathering memories and, in some way, highlight the political interests and of mining activity under the mot of tourist projects created not to be carried out and to raise hopes in local communities in regions where large mining companies operate (such as to Vale SA).

Keywords: *Environmental crime; Education for Community Tourism; Mining and Communities*

320

1. INTRODUÇÃO

Josimara, Deolinda, Rosângela, Jussara, Maria do Carmo, Cristina Kelly e muitas outras mulheres reunidas comigo em sala de aula em uma escola em Mariana. Esse último nome, Mariana, é de uma cidade em Minas Gerais, no Brasil. Homenageia uma rainha portuguesa. Eu estava a caminho da escola, para falar com cerca de 30 mulheres, e, ao passar pela ponte do centro histórico, me lembrava do nome feminino dessa cidade que fica colada a outra, a Ouro Preto. O ônibus ia lento, balançava no chão de pedras, o que facilitava a observação do quadro

¹ Atualmente é Consultora em projetos socioambientais, planejamento territorial, educação ambiental. Doutora e Mestra em Geografia Humana, pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais. e-mail: juliafcastro@gmail.com

pela janela: céu azul, igrejas, casinhas coloridas e uma poeira vermelha no ar. O momento gerou um tipo de lampejo: pensava sobre quem eu era, onde eu estava e para quem eu iria falar. Era 2014, e eu estaria mais uma vez em uma sala de aula. Era século XXI, e eu ia até Mariana, perto de Ouro Preto, fachadas coloniais em comum, história religiosa e conspirações políticas em comum; ia para falar sobre turismo.

Sobre turismo, porque é bela essa região de cidades ditas históricas — e quais não são históricas? Mesmo as cidades que derrubam tudo para repôr e para movimentar recursos de acordo com interesses muitas vezes excusos? Cidades com patrimônios da cultura, recantos naturais. Enfim, como meus professores sempre me estimularam a pensar, eu estava ainda esperançosa sobre a possibilidade de apropriação da palavra turismo, e tudo o que ela representa em termos mercadológicos, para direcionar esse *business* a favor da autonomia comunitária. Outro turismo, esse sempre me interessou, ainda que de modo um pouco reticente quanto à possibilidade de, por meio dele, a ordem de cima para baixo ser subvertida (ao menos em alguma medida). Aquele pó avermelhado repousava nas folhas de embaúbas e pés de mandioca intercalados na estrada. Eu chegava em Mariana, tentaria falar de turismo como desenvolvimento, estava em uma cidade de Minas Gerais — mais um nome; designa, o quê? A presença de minas *em geral*, minas por toda parte? Buracos escavados, minas abertas sob todo tipo de violência que ainda é justificada pelo suposto desenvolvimento econômico gerado pela mineração. Triste sina, um *karma*. Mas as minas (isso foi e é repetido) promovem o desenvolvimento... afinal, para qual lado vai esse desenvolvimento? Para baixo? Minas para todos os lados como calabouços, como armadilhas: campo minado.

E eu, ali. Descendente dessas correntes. Conivente com essa cultura mesquinha. Estrangeira e nativa; deslocada e cúmplice. Essa coisa de ser de Minas Gerais, de ser mineira, de nascer mergulhada e eventualmente muito incomodada com uma cultura que retira, extrai, corrói, erradica, esburaca e depois organiza tudo, transporta e leva para vender barato (produto primário/vocação extrativista). Ser mineira é estar pronta para colaborar com essa “vocação”, mesmo sem a menor talento para tapar os olhos e os ouvidos para a destruição de lugares, a acumulação para alguns com o preço de vidas humanas? Inclui não poder reclamar de ter

emprego ou financiamento dessas empresas, ou ser contra a mineração (que disparate, ignorância, lunatismo — vamos viver de quê?). Inclui trabalhar para as mineradoras (qual a outra opção?). Ou para o Estado, caso se queira lutar por alguma noção de bem público social.

Mas o que vale a pena lembrar é da sala de aula em que eu estava falando sobre turismo com mulheres adultas que se formavam como Agentes de Informações Turísticas. Termo técnico que, se esmiuçado, torna-se engraçado. Alguém ser capaz de fazer uma informação agir. Ou alguém agir por meio de uma informação. Tarefa para mágicos/feiticeiras, a de dar corpo a uma informação, seja ela turística ou de outro tipo, fazer com que a informação aja! Coisa para atores e atrizes extraordinários. De fato, eu estava dialogando com mulheres fora do normal, pois elas se encaixavam na categoria *vulnerabilidade social* e participavam do curso de Agentes de Informações Turísticas de 160 horas do Pronatec em parceria com o Programa Mulheres Mil. Mães com filhos e alguns problemas em casa, mulheres sem filhos e com problemas em casa e fora de casa, mulheres em situações de risco. Mulheres mil e eu lá, uma mulher com as minhas intenções, com o meu percurso acadêmico, com as minhas utopias, punha essas ideias e a formação que tive em teste, e, portanto, assumia um nível de vulnerabilidade.

A sala de aula com mulheres uniformizadas e eu com quadro branco e caneta hidrocor, às vezes com um *datashow* para passar *power point*, minha tarefa era fazer um tipo de tradução. Falar sobre Teoria Geral do Turismo para mulheres semianalfabetas, falar de marketing turístico para mulheres cansadas da labuta, do posto de classe social em vulnerabilidade, das promessas vazias. Falar de sistema hoteleiro para mulheres desgastadas, para mulheres com jornadas múltiplas de trabalho (dois empregos, filhos para criar e casa para arrumar, pais idosos e mais um curso). Interessava-lhes aprender? Creio que para a maioria é claro que sim, interessava o aprendizado. Porém, o conteúdo, assim, descolado da realidade delas parecia uma conversa técnica pouco aplicável, uma demagogia, talvez.

Já tinha vivenciado esse tipo de tradução forçada entre conhecimento acadêmico e realidades cruas (ou duras?), em aulas sobre paisagem e identidade cultural para meninos que em uma favela em Belo Horizonte, e em escolas da periferia com paredes pintadas de verde como as de hospitais e com grades grossas nas janelas. Tentar. Tentar ser uma ponte, tentar uma

tradução, às vezes, desistir do conteúdo planejado e degustar a vida com diálogos simples durante o café em copo lagoinha com muito açúcar. Talvez um lampejo criativo. E eu pescando na memória ensinamentos de Paulo Freire. Diante dessa proposta-desafio, eu percebia nessa reunião de mulheres em mil pedaços, mil sorrisos e mil raivas, mas, sobretudo, esperanças exatas.

Para dar o ponto de partida, pedi para que todas dissessem as expectativas com o curso, porque aprendi com leituras e práticas que a educação é arte escutatória (como lembra Rubem Alves). Nada mais covarde do que usar o “saltinho da professora”, se posicionar em degrau acima. A didática que pratico é muito mais para o lado da roda de conversa, da metodologia participativa — embora tenha plena consciência de que a participação possa ser mais um instrumento (bonitinho) para a perpetuação de desigualdades. A roda de conversa foi então iniciada e contou com um especial momento, pois Josimara tinha uma expectativa muito exata com esse curso. Não só ela, mas, também, Deolinda, que moravam em dois vilarejos do município de Mariana: Camargos e Bento Rodrigues. Se você que me lê, é brasileiro, te digo que sim, é a mesma Bento Rodrigues destruída completamente em 2015 (e para quem não sabe sobre Bento Rodrigues, basta dar um *google* para saber da morte de dezenas de pessoas e de um rio inteiro, no desastre ambiental mais grave da história do país, seguido de outro, de proporções ainda mais horrendas, em 2019, em Brumadinho). Lama tóxica. E esses eventos de destruição foram causados pela mineração da Samarco e da Vale, as empresas que crescem e exploram esses quintais que nós ainda tentamos chamar de país.

Por hora, prestemos atenção em Josimara e em Deolinda. Elas sabiam perfeitamente porque estavam no curso de Agentes de Informação Turística, sabiam bem que por meio dele poderiam conseguir a um emprego digno na chamada indústria do turismo. Nada mais justo, mas quase inimaginável se tratando da região de Ouro Preto e Mariana, com belezas riquíssimas e uma política institucional retrógrada e que sistematicamente pretende manter povo em seu lugar vulnerável, classe política em seu lugar de privilégio, e os acionistas das mineradoras impunes, em enriquecimento exponencial. Mas eu vi a esperança de Josimara e de Deolinda, e

é com isso que um professor pode trabalhar: com esperança, que pode ser cultivada no sentido de criar uma visão mais ampla, desenvolver ação objetiva.

Eis que as duas me mostram o vídeo do *youtube* do tal projeto. Ao rever o vídeo sobre o Projeto Estrada Parque Caminhos da Mineração, eu poderia resumi-lo e pensar um pouco a partir das frases de abertura e de fechamento de uma locução em voz masculina jovem e propositiva. A voz da locução diz que o Projeto é inovador. A voz finaliza a narração dizendo que o Projeto inaugura uma nova era. Acho que já deu para entender que trata-se da mesma propaganda política de modernizar para manter tudo igual ou pior. Poderíamos ficar por aqui. Mas as meninas me mostraram o vídeo todo, feito com imagens computadorizadas com estruturas arquitetônicas e urbanísticas dessa nova rota sustentável para o turismo (uma velha proposta que vimos não dar certo com a Estrada Real). Aliás, além do discurso, o requinte das estruturas urbanísticas me fez entender na hora do que se tratava: mais uma peça de marketing eleitoreira encomendada por quem não tem pudor algum em iludir pessoas com falsas promessas de trabalho.

Hoje eu reassisti o vídeo, ele tem toques de perversidade e grande distância do contexto local. Para começar, é todo feito em imagens computadorizadas, hiper-realista. Imagens que simulam o território e os recursos que iriam transportar o visitante para outros tempos em que as técnicas de mineração eram muito mais arcaicas, em um museu da mineração. Preciso dizer que esse transporte no tempo extirparia a parte da escravidão, os açoites, as mortes, a exploração da técnica dos negros africanos, a morte em massa? Que seria o transporte para um tempo passado adulterado, com selo de prosperidade a custo de alguns invisibilizados?

Ah, mas fiquemos com as estruturas arquitetônicas e urbanísticas: pórtigos, mirantes para a contemplação da paisagem, espaço para eventos, passarelas, parque linear, um museu com recursos multimídias, cozinha industrial e mesas em um largo à sombra das jabuticabeiras. O futuro imaginado para iludir ganhou outros contornos, tudo mergulhado na lama da Barragem do Fundão que arrastou pessoas, casas, jabuticabeiras, cavalos, cachorros, igrejas.

Uma clara mensagem havia neste vídeo com imagens computadorizadas e um futuro em que tudo parecia harmonizado e moderno: o espaço seria remodelado, ganharia novas estruturas

para atender aos visitantes, enquanto os moradores locais, como Josimara e Deolinda, seriam formados nas escolas, no ramo da gastronomia, da restauração, da carpintaria, da construção em pau a pique e outras técnicas tradicionais. A população do chão da mineração seguiria chão como operários de outra indústria: a do turismo. A voz dizia ao final que o projeto tratava de uma convivência pacífica entre a mineração e que todos se conscientizariam da importância dessas atividades. O aspecto pacífico merece ser sublinhado: porque é que não seria pacífico um projeto grandioso que restauraria estruturas degradadas, igrejas barrocas, e que criaria postos de trabalho?

Não pense que foi fácil desiludir essas mulheres. Para falar a verdade, eu nem tentei. A minha impressão foi instantânea: obra eleitoreira e ninguém tinha a intenção de executar nem 1/5 da proposta. Não falo de má índole de quem produziu essa proposta. Mas porque é que sempre temos que nos enganar dessa forma? Não podemos, nunca, vislumbrar uma mudança territorial com autonomia das populações locais, nos iludindo facilmente com propostas de desenvolvimento em que as coisas *parecem prósperas*? O teor pacífico destacado pela voz da locução já permite entrever um contexto de luta dos que resistem à cruel exploração centenária e à apropriação de territórios em que populações vivem, há gerações, sempre acudadas, em risco iminente, ameaçadas. Os lucros das empresas são exorbitantes. E nada além de “responsabilidade social” para compensar o livre direito à exploração intensa de recursos naturais é lá deixado; uma “responsabilidade” compulsória, que só acontece mediante exigências legais (do tipo Ajustamento de Conduta), e é feita como muito marketing e ameaça.

Eu disse a elas que duvidava que esse projeto seria implementado. Para isso não era preciso ser vidente. Nem entender com profundidade o contexto da mineração da Samarco em Mariana na época (2014). Não era necessário um olhar técnico de turismóloga nesses momentos. Bastava ter crescido olhando para o lado, como em meu caso, bastou olhar da janela do apartamento de três quartos no Bairro Santo Antônio para a favela na rua paralela à minha rua de bairro de classe média para visualizar o grau da desigualdade social. Veja bem: eu estava com mulheres, algumas com níveis de escolaridade incompletos, muitas com problemas severos de dependência química e violência doméstica, em mais uma cidade de Minas Gerais, e já muito

familiarizada com o que significa a desigualdade social urbana. A chamada vulnerabilidade social é um estado planejado para a parcela de explorados desde que o território mineiro começou a ser constituído.

Estava com Josimara e Deolinda, uma morena e outra loira, ambas bonitas. Cabelos lisos, tinham algo que me lembrava a vida no campo com pé de mexirica e comida boa, um aspecto saudável, algo de camponesas, embora modernas, pele mais clara com cor bronzeada e a roupa em que grudava a já falada poeira vermelha. Estava, também, com Cristina Kelly e Jussara, negras, e como uma energia incrível, um jeito de conversar menos recatado e com cara de quem gosta de samba e carnaval. Josimara e Deolinda provavelmente eram evangélicas, pelo pudor no comportamento, cabelos muito compridos, saia jeans na altura do joelho. Mas Cristina Kelly e Jussara também poderiam ser, porque igreja evangélica no interior de Minas (e do Brasil) assume uma diversidade incrível, conseguem ser mais numerosas que padarias e farmácias.

Na turma, tinha a Rosângela, polêmica, falava sempre algo inusitado e com dom para contar histórias revelando hipocrisias. Eu a imaginava como uma roteirista de novela histórica. E a baixinha, da qual não me lembro o nome, mas muito apoiadora do meu trabalho; um dia me disse que iria me defender de uma aluna violenta para quem eu tinha dado uma nota baixa em algum exercício avaliativo e que havia dito que estava com ódio de mim e iria me “pegar” depois da aula. Com a baixinha na retaguarda, não tive medo real dessa ameaça.

Eu com o conteúdo planejado para as aulas e as minhas suspeitas de que seria possível lançar uma semente. Se tem algo que eu aprendi sobre educação, foi com a fala de uma professora que há 30 anos leciona em uma escola pública de Belo Horizonte. Ela me disse, na sala de xerox, que durante 30 anos, só deu aula *de verdade* para 2 ou 3 alunos. Por esses 2 ou 3 alunos, contudo, percorreria todo o seu trajeto como docente de novo. Trabalhar com educação é uma questão delicada, você tende a cair em uma pieguisse (amar os alunos, ai que orgulho!), mas, com alguns surtos de lucidez, se agarra aos poucos resultados que vê, pois a maioria deles não verá. Meu amigo Chico, professor, dizia sobre arrepiar em sala de aula. Acontece também.

O arrepio, na experiência que aqui narro, foi a ideia de fazer um contra-projeto, ou seja um projeto de turismo comunitário (feito integralmente por pessoas das comunidades: elas pensariam o turismo, e seriam as “donas dos meios de produção”, ou seja, transporte, hospedagem, alimentação e agenciamento). Por sugestão da turma, começaríamos com uma visita à Camargos, Bento Rodrigues e Santa Rita Durão. Seria irônico, se não fosse trágico, mas seguimos a rota da lama da Barragem do Fundão em sentido inverso, partindo de Mariana até os vilarejos e distrito. A tal estrada do projeto com locução e imagens criadas em computador. Fomos, então, em um ônibus agilizado por Lena, assistente técnico do curso. Éramos crianças em uma excursão. Adultos sempre tendem a se comportarem como crianças em sala-de-aula, e nas excursões então? O que dizer dos professores? São mães, pais, tios, sádicos, compassivos. É preciso um equilíbrio, já me alertavam: ninguém gosta de professora boazinha, preferem aquelas que fazem sofrer. Mas não consigo, eu me misturo e me reconheço em todas e todos que estabelecem comigo uma relação. E não esqueço.

Tudo organizado coletivamente, roteiro, pausa para almoço, pontos de visitação, conversas marcadas. A estrada de terra vermelha, com buracos. A poeira que me levou ao hospital na semana seguinte, com laringite alérgica, cuja causa — me avisaram as alunas — era mesmo a poeira tóxica levantada pela mineração. Um dia respirando essa poeira foi suficiente para parar no hospital. Desviamos da estrada com muitos caminhões e eis que Camargos era mesmo um lugar bucólico, com um gramado verde, pasto, cavaleiros, casas poucas, muito verde, aquele cheiro de horta e capim sob o sol quente. Calor úmido. Todas uniformizadas, em trabalho de campo, seguimos para Bento Rodrigues, igualmente bonito vilarejo. Entre uma foto e outra, me confessa Maria do Carmo que sofre muito em casa com a violência do marido alcoólatra. Os olhos vermelhos de Maria do Carmo deixavam transparecer essa dor. Como não se compadecer?

A excursão seguiu com passeio entre quintais, pois havíamos destacado os quintais como um patrimônio da comunidade que, aliado à gastronomia local ofertada para grupos, poderia compor um roteiro de visitação independente da Samarco e da prefeitura construírem aquela *disney sustentável pacífica*. A cozinheira foi a Juma, que fez uma comidinha deliciosa,

como quase sempre encontramos nesses lugares. Logo mais, conversa com seu Zezinho, presidente de uma associação de moradores, com seus 70 anos (seu Zezinho, se lhe dei mais idade, perdoe-me, foi por conta da sabedoria expressa nas suas frases), que nos contava que a Samarco dificultava o abastecimento de água em Bento Rodrigues. Porque a mineradora que deixou litros de lama matarem vilarejos e pessoas dificultava o acesso à água potável pela comunidade. Essa era uma das lutas da associação.

De resto, só me lembro do impacto que a paisagem deixou em mim. Eu nunca tinha visto a proporção da atividade de mineração naquela região. Devastador, um cenário de guerra, desértico, sem verde, apenas terra, montanhas desmatadas vistas de longe, riscadas, rabiscadas, escavadas, e fumaça acima. Vulcão criado por máquinas humanas. Lagos de rejeitos, como o que matou um rio, o Rio Doce em Minas Gerais e depois o Paraopebas. Eu nunca me esqueci do impacto do que vi. Me lembrava um quadro de Guignard, “Paisagem Imaginária de Minas”, por causa da cor do céu que ele escolheu. Tons de vermelho, parece o cenário de guerra e de exploração que era vislumbrado de alguns pontos da estrada. Eu nunca consegui, apesar de querer, ver as imagens da destruição que a lama causou em 2015.

O vermelho da poeira, do pó da estrada, dos olhos de Maria, do quadro de Guignard. A lama cinza. E antes era o vermelho, anúncio. Durante os dias em que estive em Mariana, a Patrícia, dona da pousada onde me hospedava, me mostrou a cor do rio em Ouro Preto, quando, em dias de chuva, a empresa indiana, que extraía cobre, aproveitava para jogar o rejeito no leito. O rio ficava laranja. Entre o vermelho e o laranja no vídeo de celular no *youtube*. E a Disney do turismo sustentável trazendo esperança para as alunas.

As alunas, algumas donas de casa, outras empregadas domésticas, faxineiras, a maioria mães de família, queriam um posto de trabalho. Pisando as pedras do chão de Mariana, no vai e vem de carros da Samarco, com o pó vermelho, elas sabiam das belezas locais. O que nós temos desse chão Minas Gerais? Que dá abóbora, dá limão, melancia, mandioca, alface e rúcula? Que deu ouro, e dá minério. Que dá gente bonita, de pele negra, gente com esperança. Que plantando, gente dá. O que falta para essas populações deixarem de serem dependentes do conluio entre mineradoras (hoje conglomerados poderosíssimos em termos de poder

econômico) e o Estado, prefeituras, governos? O que falta para o minério ser nosso? O que falta para deixarmos de ser mineiros, para nos tornarmos minérios? Ser metal, como disse Drummond.

A minha passagem foi rápida. Tenho algum contato com as mulheres mil pelo facebook. Uma delas, após a ruptura da barragem, postou no facebook um protesto do qual fez parte, a favor da Samarco. Pedindo que a Samarco retomasse as atividades e os empregos. Como poderíamos nós julgarmos isso como incoerência? Fácil fazê-lo. A vida é efêmera, mulheres com suas crias para sustentar. O leite do Rio Doce, amargo como a Vale (disse Drummond), amargo como a Samarco. Eu tenho algumas fotografias com as alunas, todas sorrindo, com o pé da esperança nos deixando de pé.

Submetido: 08/01/2022
Aprovado: 28/04/2022